Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3 Cadernos PDE

VOLUMB I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE Artigos



A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA O PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM DOS ALUNOS COM TRANSTORNOS DO ESPECTRO AUTISTA

Autor: Vanda Ferreira Manoel¹ Orientadora: Lia Regina Conter²

RESUMO: A interação entre professor e aluno é condição essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. O educador deve conhecer o aluno e identificar suas habilidades e dificuldades como foco inicial. Os educandos precisam encontrar no ambiente escolar, um espaco atraente e adequado para suprir suas necessidades e interesses. Este deve ser o momento propício para ensinar e aprender. Somados aos saberes, professores e educandos, gradualmente, irão apropriando o conhecimento. A metodologia adotada nesta pesquisa teve por base a análise qualitativa com a aplicação de atividades práticas e dinâmicas dos conteúdos de Língua Portuguesa, Artes e Matemática. O objetivo principal foi oportunizar aos alunos com Transtornos do espectro autista uma relação dialógica e afetiva. Desta forma, o processo de aquisição da aprendizagem será mais significativo. Justifica-se o presente trabalho pela necessidade da adoção de estratégias pedagógicas que facilitem o processo ensino e aprendizagem dos alunos com Transtornos do Espectro Autista. As estratégias utilizadas precisam ser condizentes com as reais necessidades destes alunos. Para isto, o professor precisa conhecer as dificuldades apresentadas. A partir destas considerações surgiu a necessidade de buscar o enriquecimento teórico e prático para suprimir as problemáticas levantadas. As ações desenvolvidas foram realizadas com a participação dos alunos do Segundo Ciclo da Primeira Etapa do Ensino Fundamental. As atividades foram formuladas de acordo com as especificidades dos alunos. Os resultados alcançados demonstraram que o processo de assimilação dos conteúdos dos alunos autistas foi considerável e relevante. Verifica-se a necessidade e importância do vínculo afetivo professor e aluno no processo ensino e aprendizagem.

Palavras chave: Metodologia. Aprendizagem. Autismo. Afetividade.

¹Professora da Educação Básica na Modalidade de Educação Especial – PDE – Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná/2016. Email: vandamanoel@seed.pr.gov.br – Conselheiro Mairinck -PR.

²Orientadora do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná – PDE/2016 e Professora pela Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP – Campus Jacarezinho. Email: Irconter@uenp.edu.br.

INTRODUÇÃO

O processo de apreensão do conhecimento pelo aluno autista não se diferencia dos demais educandos, porém a estratégia pedagógica desenvolvida no ambiente escolar torna-se o diferencial. Primeiramente o educador deve conhecer o aluno e identificar suas habilidades e dificuldades como foco inicial. A partir daí, transmitir confiança. Usar sempre palavras de incentivo aos seus alunos. Fazê-los perceber que são úteis. As palavras são recursos pedagógicos quando transmitem amor.

A interação entre professor e aluno é condição essencial para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Os alunos precisam encontrar no ambiente escolar um espaço atraente e adequado para suprir suas necessidades, tristes ou alegres, concentrados ou não, dispersos ou apáticos eles precisam estabelecer vínculos. Este deve ser o momento propício para ensinar e aprender. Somados aos saberes, professores e educandos, gradualmente, irão aprimorando o saber.

É necessário considerar o conhecimento científico e a formação do professor como essencial para o desenvolvimento da aprendizagem significativa. O educador deverá adotar estratégias e metodologias que ajudarão o aluno na realização das atividades propostas. Deve-se observar as características dos seus educandos e criar situações estimulantes de aprendizagem. Diante desta abordagem introdutória, tem-se o seguinte problema: Como o aluno autista assimila o processo ensino-aprendizagem? O professor estabelece o vínculo afetivo com seus alunos?

Considerando o problema, este artigo objetiva oportunizar aos alunos com Transtornos do espectro autista uma relação dialógica e afetiva. Através disto, o processo de aquisição da aprendizagem será mais significativo.

Nesse contexto, justifica-se o tema pela necessidade da adoção de estratégias pedagógicas que facilitem o processo ensino-aprendizagem dos alunos com Transtornos do Espectro Autista. As estratégias utilizadas precisam ser condizentes com as reais necessidades destes alunos, para isto, o professor precisa conhecer as dificuldades apresentadas.

Nessa perspectiva, o projeto implementado com os alunos da Escola de Educação Básica Sol Encantado na Modalidade de Educação Especial, foi desenvolvido através de

uma relação afetiva e dialógica, com vistas à realização de atividades dinâmicas e concretas a fim de despertar os interesses e necessidades individuais.

DESENVOLVIMENTO

Oportunizar aos alunos com Transtornos do espectro autista possiblidades reais de aprendizagem, implica, acima de tudo, em conhecer e identificar suas necessidades. É necessário que o ambiente escolar esteja preparado para recebê-los e o profissional qualificado ciente da grandeza do seu ofício. Vasconcellos enfatiza que: "O professor normalmente espera sugestões, propostas, orientações para sua tão desafiadora prática; muitos gostariam de algumas "receitas", sabemos, no entanto, que estas não existem, dada a complexidade da tarefa educativa" (1998, p.12).

Ao considerar tal afirmação, é relevante aos professores, planejar suas ações, refletir sobre sua prática de ensino, a busca constante do conhecimento e dos desafios que transcorrem da metodologia cotidiana para desempenhar, com eficiência, a árdua tarefa para alcançar o objetivo a que propõe o processo ensino aprendizagem. Luckesi caracteriza que:

O ato de planejar, assim assumido, deixará de ser um simples estruturar de meios e recursos, para tornar-se o momento de decidir sobre a construção de um futuro. Será o momento de dimensionar a nossa mística de trabalho e de vida (2002, p.115).

A proposta da educação inclusiva concentra esforços para atender todos os alunos com necessidades especiais, seja nas escolas regulares ou nas escolas especiais. A escola inclusiva deve proporcionar às pessoas com deficiência a oportunidade de adquirir habilidades para apreensão da aprendizagem, para desenvolver a comunicação, socialização e autonomia. Do ponto de vista de Silva:

O direito fundamental à educação inclusiva é do educando e não do Estado, da sociedade ou da família (art. 205, C.F.). Não podemos nos esquecer, também, que as escolas especiais, como escolas que são, devem ter conteúdo pedagógico e se preocuparem com a transmissão da educação de qualidade. Elas têm importante papel no processo de transposição da fase de educação "exclusiva" para a da educação inclusiva, pois o conhecimento técnico específico que possuem podem e devem servir como rede de apoio às escolas regulares e às pessoas com deficiência para que isso aconteça com sucesso (2005, p.19).

No caso da Escola de Educação Básica na Modalidade de Educação Especial, é necessário saber quem é o aluno com deficiência intelectual, o que é autismo e quando ele se manifesta. A partir do diagnóstico pelo especialista, planejar estratégias para ajudar a compreender o comportamento da criança e incentivar seu desenvolvimento. Williams assevera que:

Distúrbios do Espectro do Autismo é um distúrbio do desenvolvimento que normalmente surge nos primeiros três anos de vida da criança. Atinge a comunicação, a interação social, a imaginação e o comportamento. Não é algo que a criança pode contrair. Não é causado pelos pais. É uma condição que prossegue até a adolescência e vida adulta (2008, p.03).

Os alunos autistas são aqueles que apresentam alterações qualitativas nas interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo.

De acordo com a LDBEN nº 9.394/96, "a pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais, e terão direito ao atendimento especializado na educação". Trata-se de um avanço na consolidação do direito da Educação inclusiva, contemplado de direitos, sem distinções ou preconceitos. Significa uma grande vitória para os autistas, seus familiares e profissionais da Educação Especial.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA nº 8.069/90: "É dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente: atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". O Estado reconhece e legitima os direitos e deveres de crianças e adolescentes. A educação é para todos, e o acesso a escolarização das crianças e adolescentes autistas, assegura por direito, as condições necessárias para uma educação de qualidade.

Luckesi (1984) ressalta a importância da educação com qualidade como aquela que está relacionada às expectativas, experiências e vivências do aluno, incentivando a aprendizagem significativa, promovendo mudanças e favorecendo a utilização do que se aprende em outras situações.

Nesta perspectiva, faz-se necessário refletir sobre as reais necessidades e interesses dos alunos. Sobre o processo de aquisição do conhecimento e se este está sendo oportunizado de forma a atender as especificidades dos alunos autistas. A escola, família e sociedade têm ciência dos direitos à educação, mas garantir que a aprendizagem seja

significativa, dependerá de como os profissionais da educação irão conduzir o processo ensino aprendizagem.

Sobre isso, a Instrução nº 2011 da Secretaria de Estado, Departamento de Educação Especial- SUED/SEED assevera:

As políticas públicas serão planejadas, objetivando à valorização do Magistério, à melhoria da qualidade de ensino e da aquisição do conhecimento; o que pressupõe a garantia da organização de uma política de formação inicial e continuada para todos os Profissionais habilitados para atuar na Educação Especial (SUED/SEED, 2005).

Partindo deste princípio, os profissionais da educação do Estado, serão contemplados com cursos de Capacitação, objetivando a melhoria da qualidade do ensino e aquisição do conhecimento. Através do acesso ao conhecimento, a busca para o aperfeiçoamento e experiência pedagógica são condições essenciais para a prática pedagógica.

A partir desta perspectiva, a seleção e qualificação das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem são fundamentais. O recurso pedagógico irá depender também de qualidades pessoais do educador para que se alcance bons resultados.

Este fator é assegurado pela Declaração de Salamanca 1994, que conceitua:

As competências necessárias para satisfazer as necessidades educativas especiais devem ser tidas em consideração na avaliação dos estudos e na certificação dos professores [...] A formação-em-serviço deverá realizar-se, sempre que possível, ao nível da escola, através da interação com os orientadores e apoiados pela formação à distância e outras formas de auto formação (p. 27 e 28).

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Especial na Educação Básica-SEED/SUED/DEE:

Professores capacitados em educação especial são aqueles que desenvolvem competências para identificar as necessidades educacionais especiais, liderem e apoiem a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular. E deverão comprovar a formação em cursos de licenciatura em educação especial, complementação de estudos ou pós-graduação nas áreas especifica da educação especial e que tenham uma formação continuada (2005).

Desta forma, cabe aos professores capacitados para atenderem os alunos com necessidades educacionais especiais de natureza autística, perceberem as necessidades e ou especificidades dos alunos, valorizar os processos inclusivos, flexibilizar a prática pedagógica e avaliar constantemente em equipe, os resultados obtidos no processo educativo. A respeito disso, Vitalino utiliza-se da seguinte argumentação:

[...] a formação do professor não deve prescindir dos conhecimentos teóricos relevantes desenvolvidos na área, mas estes não são suficientes, devemos acrescer conhecimentos derivados da experiência direta, obtidos nas situações concretas de sala de aula, os quais visam ao desenvolvimento das habilidades referentes ao saber fazer, à reflexão sobre a prática e sua relação comas teorias estudadas, bem como à reflexão sobre as atitudes dos professores sobre o processo de inclusão de alunos com NEE (2010, p.162).

Em relação ao contexto, o professor deve adquirir e desenvolver conhecimentos e habilidades derivados da sua experiência de vida, a partir daí, associar o conhecimento científico e fundamentar sua prática inclusiva. Comprometer-se com a educação de todos, não é tornar o exercício da profissão uma obrigação, mas a efetivação de um compromisso ético e social. Assim, na visão de Beyer:

O desafio é construir e pôr em prática no ambiente escolar uma pedagogia que consiga ser comum ou válida para todos os alunos da classe escolar, porém capaz de atender os alunos cujas situações pessoais e características de aprendizagem requeiram uma pedagogia diferenciada (2006, p. 76).

Nesse sentido, o comprometimento dos professores com todos os envolvidos no processo de aquisição do saber é essencial para sua formação. O envolvimento e busca de estratégias pedagógicas que possam atender as necessidades específicas de cada aprendiz, perceber a especificidade e singularidade de cada caso e atuar frente a eles promovendo ações e encaminhamentos, são desafios e procedimentos inerentes à sua função.

Diante todas as considerações sobre a formação do professor, os anseios e angústias para atender todos os alunos, sem distinção e promover uma educação de qualidade; fazse necessário considerar como se dá o processo de aquisição do ensino-aprendizagem pelos alunos com Transtorno do Espectro Autista. É oportuno lembrar Cunha:

No contexto do autismo, em termos práticos, podemos dizer que, primeiramente, o professor reconhece as habilidades do educando e as que devem ser adquiridas. É a constituição da aprendizagem no campo pedagógico. Em muitos casos, trata-se do início da comunicação, da interação entre professor e aluno (2013, p.126).

Primeiramente o professor deve conhecer o aluno, identificando suas habilidades e dificuldades como foco inicial. A partir daí, o professor deve transmitir confiança e estabelecer uma relação dialógica. A interação entre professor e aluno, o vínculo afetivo, são condições essenciais para a condução do trabalho pedagógico. Outro ensinamento de Cunha:

Quando estamos envolvidos em algo que amamos, parece que nada nos importuna. Quando direcionamos nossos afetos em temas que nos fascinam, não economizamos forças até conhecermos os caminhos que nos levam a respostas. Quando estamos trabalhando em ambientes acolhedores, sentimos que a nossa energia criativa e a nossa disposição para a execução das tarefas parecem ser eternas e inquebráveis (2015, p.99).

Os alunos precisam encontrar no ambiente escolar, um espaço atraente e adequado para suprir suas necessidades. Tristes ou alegres, concentrados ou não, dispersos ou apáticos, os alunos precisam estabelecer vínculos afetivos. Este deve ser o momento propício para ensinar e aprender. Somados os saberes, professores e educandos, gradualmente, irão apropriando o conhecimento.

A voz do professor é um exercício para o desenvolvimento da comunicação. Sua fala deve ser clara, serena durante a condução do processo de aprendizagem. É normal a criança autista tentar fugir ou se irritar, para não realizar o que é proposto, a atitude do educador diante disto, é não valorizar estas reações, e conduzir de forma lúdica e tranquila esta situação.

Diante do vínculo afetivo entre professor e aluno, as atividades pedagógicas aplicadas na sala devem apresentar caráter afetivo, social e pedagógico. As atividades devem ser lúdicas e educativas que atendam os interesses dos alunos, suas individualidades e história pessoal. O professor não precisa temer as dificuldades ou situações difíceis que surgirão, pois como diz Freire (2007), "não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama."

Como princípio pedagógico, ao trabalhar com tais alunos com necessidades significativas, o objetivo é que a atividade comece na prática, perpasse a teoria e volte à prática. É importante que o currículo seja flexível, contemplando conteúdos formais e desenvolvidos através de atividades funcionais. Juntos, professor e aluno descubram a utilidade dos conteúdos historicamente construídos. No dizer de Cunha:

Um currículo funcional para a vida prática compreende tarefas que podem ser executadas em perfeita sintonia entre escola e a família, alcançando etapas previamente estabelecidas. Cada etapa superada demanda uma nova. Listase uma série de afazeres diários que precisam ser realizados, como dobrar roupa de cama, escovar os dentes etc. (2015, p.59).

O grande desafio do professor é construir e evidenciar na prática a estratégia que consiga ser válida e útil para os autistas, atenda a todos. O ambiente escolar apresenta alunos com características diferentes que requeiram metodologia diferenciada. Nesse sentido, Sacrista'n defende que "a prática é condição do conhecimento, o que não significa que diante de uma ação ou de uma prática, não haja uma teoria prévia acumulada ou não haja mais uma prática além da experimentada por alguém" (1998, p. 53).

Para além da relação da prática professor-aluno, as estratégias pedagógicas devem acionar a comunidade escolar e a família dos alunos, pois fazem parte das individualidades dos educandos. A boa relação com todos os envolvidos no processo ensino aprendizagem, é relevante para apropriação do conhecimento. É importante garantir momentos para que todos reflitam e possam pensar de forma conjunta ações concretas para garantir aprendizagem significativa. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (Brasil, 1997), consta que uma educação de qualidade deve desenvolver as capacidades inter-relacionais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, visando a construção do cidadão em todos os seus direitos e deveres.

Sabe-se que a aprendizagem está ligada ao afeto e que através dessa afetividade é possível alcançar e vencer diversas barreiras, obtendo desta forma melhores resultados no desenvolvimento da alfabetização dos alunos autistas. O processo de maturação será favorecido quando o aluno for incentivado a aprender e lhe for oportunizado um ambiente estimulador, prazeroso e interessante; propício para a apreensão e efetivação do conhecimento.

Cada estágio da afetividade, quer dizer as emoções, o sentimento e a paixão, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidades se adquire nos campos da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade. (ALMEIDA, 1999, p. 48)

Embora não exista uma forma pronta e específica para trabalhar com o autismo em sala de aula, existem fatores básicos na aprendizagem do indivíduo - comuns a todos nós que podem auxiliar como mediadores da aprendizagem, dentre eles a relação afetiva. A

afetividade não é nenhuma nova concepção pedagógica, nem a mais nova descoberta científica para oportunizar melhor qualidade de vida. Trata-se de algo que acompanha o ser humano desde o nascimento. É um recurso pedagógico que precede ao uso do giz e do quadro negro. Ser afetivo é utilizar o campo emocional como um eficaz e real instrumento pedagógico, mediando a aprendizagem, trabalhando a memória e a cognição.

O professor precisa usar sempre palavras de incentivo aos seus alunos. Fazê-los perceber que são úteis. As palavras são recursos pedagógicos quando transmitem amor, ânimo e confiança. Assim, não é necessário punir os erros, apenas redirecioná-los a uma nova descoberta.

Rodrigues (1976), diz que os motivos para o ser humano aprender qualquer coisa são profundamente interiores. Na visão da autora o aluno aprende de forma mais eficaz e mais rápida quando se sente amado, está seguro e é tratado como um ser singular. E os motivos do aluno para aprender são os mesmos que ele tem para viver, pois não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas.

Todavia, é necessário lembrar que ser afetivo não é ser dulcificado, mas dar lugar ao entusiasmo, ao amor, interesse, aos atributos humanos que solidificam as relações entre professor e aluno.

Desta forma, Cunha acrescenta: "a grandeza humana do ofício docente leva o professor a ser também um melhor profissional, pois o faz estudar e capacitar-se, a grandeza humana do seu ofício não somente educa mas também inspira" (2013, p. 111).

Para desenvolver as habilidades dos educandos com Transtornos do Espectro Autista, o professor precisa conhecê-lo, pautar sua prática pedagógica numa relação afetiva, saber atuar diante das descobertas, descobrir as necessidades e expectativas de aprendizagem, mediar os conflitos. Desta forma, o professor conseguirá conhecer o universo autista e entender como se efetiva o processo de aquisição do conhecimento destes alunos.

IMPLEMENTAÇÃO

A implementação do Projeto de Intervenção Pedagógica teve por base a pesquisa qualitativa, estudo e análise das atividades selecionadas, assim como a reflexão e

resultados esperados com a implementação do Projeto para os alunos autistas da Escola Sol Encantado.

A partir dos pressupostos teóricos selecionados, foram desencadeadas as reflexões acerca das possibilidades e limites para execução das atividades.

As atividades foram formuladas por meio de questões práticas e dinâmicas a fim de considerar as especificidades, interesses e necessidades dos alunos com Transtornos do espectro Autista.

As ações desenvolvidas foram realizadas com a participação dos alunos do Segundo Ciclo da Primeira Etapa do Ensino Fundamental.

As respectivas ações foram distribuídas em oito encontros de quatro horas cada um, perfazendo um total de 32 (trinta e duas) horas presenciais.

Na primeira etapa, verificou-se as necessidades, interesses e expectativas dos alunos em relação a apropriação do conhecimento. Em seguida, através de uma relação dialógica e afetiva, foi estimulada a atenção dos alunos para o desenvolvimento do Projeto.

Com o objetivo de favorecer o desenvolvimento da linguagem e da interação social os alunos confeccionaram os materiais a serem utilizados nas atividades de Língua Portuguesa: Caixa surpresa e Caixa ilustradas-Sílabas.

Os conteúdos de Língua Portuguesa: Alfabetização das famílias silábicas foram desenvolvidos através das atividades: Caixa Surpresa; Jogo Missão: Encontre a Sílaba; Bingo de Imagem; Caixas ilustradas-sílabas e Alfabetização com bexigas a fim de estimular o desenvolvimento da linguagem, socialização e da leitura e escrita.

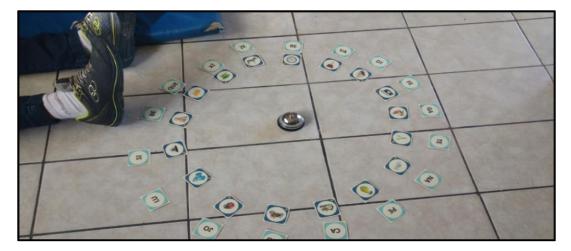


Figura 1 – Alunos realizando a atividade: Jogo Missão – Encontre a Sílaba

Fonte: Arquivo do Autor

Os Conteúdos de Matemática: Números e sua classificação e Artes: Ritmo Musical foram desenvolvidos através das atividades: Instrumentos Musicais; Jogo da Adição; Nunca 10; e Árvore da Adição.



Figura 2 – Alunos realizando a atividade Árvore da Adição

Fonte: Arquivo do Autor

Através dos conteúdos de Língua Portuguesa, Artes e Matemática os alunos conseguiram aprender e se divertir ao mesmo tempo. Houve a troca de informações, fizeram perguntas e explicitaram suas ideias avançando em seu processo de aprendizagem, comunicação e socialização. Foram disponibilizados recursos e materiais necessários que atendessem as especificidades dos educandos.

Durante a execução deste processo, em decorrência da relação afetiva, dialógica e da intervenção de atividades práticas e dinâmicas, pôde-se considerar que a apropriação do conhecimento pelos alunos com Transtorno do Espectro Autista foi significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do professor como mediador do conhecimento é essencial e relevante para subsidiar o ensino. Sua prática deve ser condizente com as reais necessidades e especificidades dos alunos. Desta forma a apreensão do conteúdo será mais eficaz.

O educador é o elemento mais importante no desenvolvimento da afetividade com o aluno, levando este a perceber as vantagens de realizar atividades desafiadoras. O educando com Transtorno do Espectro Autista precisa sentir vontade e interesse em aprender. Através do vínculo afetivo explorado pelos professores, a construção do conhecimento será oportunizado de forma mais prazerosa e dinâmica, pois esta relação passa a ser uma grande aliada da aprendizagem.

A partir dos pressupostos teóricos estudados e da análise das atividades práticas e dinâmicas realizadas com alunos com Transtornos do Espectro Autista, pôde-se perceber que a afetividade contribuiu substancialmente no processo ensino aprendizagem. A princípio, os alunos não demonstraram interesse em realizar as atividades propostas. À medida que estas eram oportunizadas de forma divertida e desafiadora pela professora, os alunos perceberam que eram práticas e interessantes de acordo com os seus interesses e necessidades. As dificuldades em relação aos conteúdos de Língua Portuguesa foram mais significativas, mas conseguiram realizar as atividades propostas. O ritmo de aprendizagem dos alunos foi respeitado. O processo de assimilação da aprendizagem dos alunos com Transtornos do espectro autista foi considerável e relevante. Desta forma, verifica-se a necessidade e importância do vínculo afetivo professor e aluno no processo ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. emoção na sala de aula. Campinas, SP: Papirus, 1999.

CUNHA, E. Autismo na Escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.

_____, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 6ª ed. Rio de Janeiro: WAK Ed., 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Nacionais** para a Educação Especial na Educação Básica. Parecer CNE/CEB n.017/2001

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (9394/96): promulgado em 20 de dezembro de 1996, Brasília, 1996.

_____, Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.

BEYER, H. O. **Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas**. In: Baptista, C. R. (Org.) **Inclusão e Escolarização: múltiplas perspectivas**. Porto Alegre: Mediação. P. 73-81.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem escolar**. 14ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Especial: **Ensino Fundamental na rede pública de ensino da Educação Básica do Estado do Paraná**. SEED/SUED/DEE. 2005.

RODRIGUES, Marlene. Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.

SACRISTÁN, J. G. **O** currículo: uma reflexão sobre a prática. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, E. M. A. Dispositivos metodológicos para a formação continuada de professores: uma abordagem crítico-reflexiva. In: FERREIRA, A. T. B; ALBUQUERQUE, E. B. C; LEAL, T. F. Formação continuada de professores: questões para reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

UNESCO & MEC-Espanha. **Declaração de Salamanca e linha de ação**. Brasília: CORDE, 1994.

VASCONCELLOS, C. S. Avaliação da Aprendizagem: práticas de mudanças. São Paulo: Libertad, 1998.

VITALINO, C.R. Formação de Professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Londrina, PR: EDUEL, 2010. 162p.

WILLIAMS, C. Convivendo com Autismo e Síndrome de Asperger: estratégias práticas para pais e profissionais. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2008.